

REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
\* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho \*  
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO  
Redacção e administração - Calçada do Combro, 88-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. telegr. Talha - Lisboa • Telefone: 134  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A febre do jogo

A despeito de haver muita podridão, do ambiente estar impregnado do cheiro fétido dum cadáver em decomposição, ainda há quem proteste contra essa banalidade que conduz o país para uma completa ruína. A corrupção está na ordem do dia e o dinheiro tornou-se um soberano de cujo poder absoluto ninguém pôde duvidar; consola-nos, entretanto, o exemplo de rara honestidade que oferece uma minoria muito curta que, apesar de não ser guiada por uma unanimidade de princípios, tem, todavia, a dar coesão aos seus esforços, a unanimidade do protesto. Na realidade, o espectáculo desolador, que nos oferece constantemente, não é da responsabilidade deste ou daquele partido, desta ou daquela facção, embora todos tenham lançado na fogueira a sua sacha. Este é um resultado da paurosa conflagração e o que agora vemos não é mais que a repetição do estado moral da sociedade francesa após guerras do I e II Império; a repetição do espectáculo que ofereceram todas as sociedades depois de atravessarem uma grande crise.

A facilidade do ganho acarretou a facilidade do esbanjamento; as privações originaram-se sede de prazeres. E se os resumos os factores do que para a vemos. Mas contra esse estado de coisas começa a afirmar-se uma reacção que parte de todas as classes sociais e que dentro em breve dominará. Essa reacção encontra elementos em todas as classes sociais porque, da mesma forma que nós consideramos a riqueza que assoberba o país como um sintoma da doença política, o proletariado actual regime político-económico, o burguês inteligente vê a necessidade de combater essa febre de dissipação, para que esse regime alguns anos possa existir. Mas, nesse caso, vocês, revolucionários, desajam, que a febre dissipadora se acentue de tal forma que se torne estranho a sociedade que se deu vida? - objectar-nos-ão. Nisso enganamos, porém, porque nós, embora convencidos de que o regime burguês durante pouco tempo mais pôde subsistir, compreendemos que a medida que aumenta a sede de gózo, aumentam os infortúnios do proletariado, que, devido à mecânica social é a única classe que, directa ou indirectamente, custeia com o seu esforço os esbanjamentos das outras classes mais benéficas.

Desajam, pois, a liquidação da burguesia e vindo na loucura que dos princípios se apodera um princípio de aproximação da decadência, combates e combates, sem embargo, a onda da lama que tudo avassala porque a ideia de redundar num prejuízo imediato para os trabalhadores, deixando a atmosfera suficientemente envenenada com os seus miasmas para dilatar muito seriamente uma apaixonada tentativa de aplicação dos princípios socialistas. (Que a revolução demore mais um lustro, mas que encontre um solo limpo de plantas daninhas, um solo onde a semente da ideia germine, transformando-se rapidamente em rolo carvalho que afoitamente arrosse as maiores tempestades!

De todos os vícios que a crise de desorganização encorajou, o jogo de azar tem contestação, o que mais deve ser combatido e o que é mais para recar. O jogo, actualmente, quase tem fôros de cidade. Alguns anos atrás, os raros jogadores que para ali existiam eram apontados a dedo e o seu procedimento por todos reprovado. Hoje não; o jogo e o banqueiro são indivíduos conhecidos, que frequentam os restaurantes, os cafés e os derradeiros salões da aristocracia mantem. São verdadeiros potentados e gosam de influências políticas, mantendo um rebanho de vassallos, podendo computar em mais de 10.000 o número de indivíduos que do pano verde vive. Os jogos de jogo também eram em número

## Casa dos Trabalhadores

Acenua-se de dia para dia a necessidade do proletariado se separar o mais possível do ambiente burguês. É preciso que as sedes das associações tenham aspectos e traços dos sindicatos de maneira a criar-lhes mais amor pelo sítio do que pela taberna. A taberna é um fruto da sociedade capitalista, ela não a manter os povos na escravidão. Mas se as sedes dos sindicatos conseguirem criar uma atmosfera de tal modo agradável que torne fastidiosa a permanência na taberna, muito a emancipação humana tem a ganhar. Uma sede confortável, com boas cadeiras, boa luz, bons livros e boas mesas, vale mais do que uma campanha jornalística contra o álcool.

Onde poderão os trabalhadores encontrar esses atrativos? Na Casa dos Trabalhadores. Portanto é necessário que o proletariado consiente continue a mostrar quanto pode, mostrando a sua burguesia que, enquanto ela se entretem em negócios escuros e políticos sujos, os trabalhadores guiados por um ideal sublime, continuam, embora à custa de sacrifício a caminhar para o Progresso e para a Liberdade.

**Uma ideia em marcha**  
Do jornal O Socialista, de 15 do corrente, transcrevemos o seguinte trecho que mostra bem quanto tem sido notado, mesmo pelos que militam num tempo diverso do nosso, a iniciativa da Casa dos Trabalhadores:

Tem continuado a afluência dos doadores à iniciativa desta importante obra de solidificação e unificação das forças produtivas.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Os telefones** A greve dos telefones ainda não está resolvida. Porque? Porque a Companhia, habituada a salários de fome, não se resolve a conceder aumentos que as necessidades actuais absolutamente justificam. Esta é a reclamação principal. Em volta dela giram outras reclamações secundárias, entre as quais avulta o pagamento dos dias de greve e a readmissão dos operários acuzados de actos de sabotagem. São reclamações pouco difíceis de atender para uma Companhia com largos recursos, só se explica a sua intransigência com o desejo de protelar a solução da greve, a fim de se chegar a um agravamento das tarifas, com o que bastante prejudicados ficariam os subscritores. Como o governo não parece muito disposto a consentir num aumento que dê para satisfazer os grevistas e para a Companhia meter dinheiro nos cofres, a greve continua, parecendo interminável. Compreenda-se de vez que é preciso terminar com este estado de coisas, já por que o pessoal dos telefones é composto por alguns centenas de pessoas que estão a atravessar as maiores privações, já porque a cidade com a área de Lisboa, faz grande falta as comunicações telefónicas. E a Companhia, para solucionar a greve, de pouco precisa: um bocadinho de boa vontade e um pouco menos de intransigência.

**Lama** O duelo parece findo; um dos contendores, o grupo da Moagem, já se retirou do campo... da honra, e, conforme previmos, continua a falar de Silva Graça, pal. Acabou, pois, o duelo de lama. E o vencedor, ainda não satisfeito, revolve o monturo, buscando umas passadas de lama fresca para enterrar o adversário. Um bocadinho de generosidade! O bilioso polemista da rua Formosa, porque tu, bem visto as coisas, só te queixas de pé por um prodígio de equilíbrio, de tal forma te transpassaram com estocadas certas. Na realidade, tens feito revelações graves acerca da Moagem, mas contas-nos o que fizeste do dinheiro da Sopa dos Pobres e das gorjetas com que os batoteiros pagaram a silência da gazeta? Só uma pequenina explicação...

**Num «eléctrico»** Tím, tím, correira da Graça... Depois de seis tentativas, conquistámos um lugar num carro fechado. E lá se a plataforma da carrapana pareciam sardinha prensada. Em frente de nós, um sujeito de aspecto grave e uma senhora já madura. Conversavam, e da palestra apanhámos no ar o seguinte retolho:

—Então, foram para a greve...  
—É verdade!  
—Pafites.  
—O que me admira é o Grilo, que ainda há pouco veio da província e que nada sabe fazer, quer ganhar 6000 por dia e aderir também à greve.  
—Ele nem merece 1800 e ganha 3800.  
—Lá isso é verdade, mas também com 1800 não se pode viver...  
—Pois sim, mas agora não se contenta com menos de 6000. E quando acabar a greve?...  
—Ponho-ná na rua e as botas de luxo, depois dum aumento destes, não as continuarei vendendo por 40000.  
—Então, quanto?  
—Por 80000...  
—Tableau.

## A situação de A BATALHA

**União dos Sindicatos Operários**  
A União dos Sindicatos Operários de Lisboa convoca as Direcções dos Sindicatos aderentes ou não aderentes, a comparecer amanhã, pelas 21 horas, na sede desta União, calçada do Combro, 38-A, 2.º, a fim de se tratar da situação do jornal A Batalha.

Atendendo à importância do assunto, pois trata-se do órgão da organização operária, esperamos a comparencia de todas as direcções dos Sindicatos de Lisboa.

**Impressores tipográficos**  
Na reunião de ontem foi votada a cota suplementar de \$95, por mês.

**Sindicato Unico Mobiliário**  
A comissão administrativa deste sindicato, fez ontem a aquisição de 140 acções do jornal A Batalha no valor de 140\$000, sendo 100\$000 do cofre sindical, e 40\$000, produto da subscrição pró-Batalha no último sábado.

Lembra-se o imperioso dever de todos os camaradas, de contribuir para que o nosso órgão possa, iniludivelmente, desempenhar-se da sua missão.

**Federação Corticeira**  
Reuniu este organismo com a presença de todos os delegados para apreciar a situação de A Batalha, resolvendo-se acatar as resoluções na reunião confederal sobre o assunto, devendo, porém, os sindicatos fazer executar imediatamente tais resoluções.

**CONSELHO JURÍDICO DA C. G. T.**  
O procurador do Conselho Jurídico dará consultas e prestará informações nas quintas feiras, das 21 às 22 horas, na sede deste organismo.

Assim, começará hoje a receber os que o procurarem para esse efeito.

**Malas postais**  
Pelo vapor Africa são hoje expedidas malas postais para a Madeira e Africa Ocidental e Oriental, sendo às 9 horas a última tiragem da caixa geral.

## 1.º aniversário de A BATALHA

### O proletariado continua a manifestar-nos o seu apoio

A esta redacção continuam a afluír saudações de todos os pontos do país, pelo 1.º aniversário da Batalha. As manifestações de simpatia de que temos sido alvo, demonstram à sociedade que a classe trabalhadora está conosco, não nos abandonando um momento nesta luta desigual com o Estado e a burguesia. Tem sido esse apoio a maior força da Batalha que, se não fosse a solidariedade da classe operária, já teria baqueado. Até agora tem este jornal, pelo seu correcto procedimento e enérgica defesa dos interesses proletários, justificado esse apoio, e prosseguirá nesta atitude, certa de que os trabalhadores corresponderão a ela redobrando no auxílio que tem prestado ao porta-voz da organização sindicalista.

### As associações e A BATALHA

**Trabalhadores do Mar de Setúbal**  
Camarada Alexandre Vieira. — A classe dos Trabalhadores do Mar de Setúbal, em reunião de assembleia geral, estudando a situação do jornal A Batalha e sabendo que é um dever de todo o operário consiente não deixar que nos queridos órgãos de luta, sejam, pelo contrário, devesse robustecer-se, porque ele é hoje quem faz tremor a burguesia, resolveu saudar A Batalha com 30 escudos mensais para a ajudar na sua situação económica e para que ela prospere e fale sempre de face erguida contra a multidão burguesa. — Saúde e Revolução Social. — O presidente da direcção, Joaquim Maria da Silva.

**União dos Sindicatos Operários de Braga**  
Presados camaradas da redacção de A Batalha. — A União dos Sindicatos Operários desta cidade, encarregou-me, na qualidade de seu secretário geral, de em seu nome saudar A Batalha, intencionalmente paladino da causa dos oprimidos, pelo primeiro aniversário da sua fundação.

— Não fazes uma vasta ideia, do quanto me é grato dirigir estas linhas de saudação a este prestimoso jornal, que de há um ano a esta parte, vem, de frente bem erguida, batendo-se com denodo e valentia, pelo bem do proletariado, o qual o conta como o seu único defensor.

— Aceito, pois, em nome do organismo que tenho a honra de representar, as mínimas sinceras saudações, pelo primeiro aniversário do tão brilhante cavaleiro das ideias operárias, fazendo votos para que esta data tão gloriosa para a imprensa operária, se prolongue, por largos anos. — Saúde e Solidariedade. — Secretário geral, João Pereira do Rio.

— A Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis, enviou-nos o seguinte ofício:

— Presados camaradas de A Batalha. — Na reunião da comissão administrativa desta associação de classe, realizada em 24 do corrente, foi resolvido saudar A Batalha.

## PELA POLÍTICA

### No palco parlamentar

**As subvenções aos ferroviários**  
O ministro do comércio respondeu ontem na câmara a todos os deputados que combateram a proposta que incluiu nos vencimentos fixos do pessoal dos caminhos de ferro do Estado as subvenções concedidas pela lei 888 e o decreto 3964 e concedendo-lhe uma nova subvenção.

O sr. Jorge Nunes disse que, por ser justa a proposta ele assumiu a atitude que tem manifestado, sem intuídos políticos de qualquer natureza, mas na convicção apenas de que serve bem o seu país. Trouxe à câmara essa medida com a convicção de que fazia justiça aos operários, a cuja situação vai beneficiar. Tem-se dito na câmara que para melhorar a situação das classes, se tornam necessárias medidas de conjunto, mas não tem passado de afirmações, isto é, do campo da teoria. Ao elaborar esta proposta teve em mira melhorar a situação dos caminhos de ferro do Estado, libertando-os dum defeito que seria inevitável, pois o aumento dos vencimentos ao pessoal era justo e inadiável. Emquanto lá fora se dão às empresas ferroviárias todas as facilidades para o seu desenvolvimento, entre nós manifestam-se oposições e não se corre para a intensificação dos seus serviços. Não houv. coações de qualquer natureza, pois a ser feitas elas orador, nem mais um passo adiantaria para a satisfação de quaisquer reclamações. Termina afirmando que não é contrário a ideias nobres e elevadas, mesmo que elas individualmente o prejudiquem, contanto que concorram para beneficiar o país.

A proposta ainda ontem nem sequer ficou votada na generalidade!

### Nacionalização dos seguros

O ministro do trabalho apresentou ontem uma proposta de lei nacionalizando a indústria de seguros, pedindo para ela a urgência, que foi aprovada.

As seguintes disposições dão uma ideia de que é essa proposta:

Artigo 1.º — O governo autoriza a nacionalizar a indústria dos seguros e resseguros de todos os ramos explorados em Portugal por sociedades de seguros, nos termos do decreto com força de lei de 21 de Outubro de 1917, e de 8 de Maio de 1919, quer sejam explorados por companhias, associações, empresas ou sociedades nacionais ou estrangeiras e ainda, quaisquer outras individualidades ou entidades. Base 1.ª — A nacionalização de todos os seguros a ser feita sob o regime do monopólio do Estado. Item 1.º — A sentença directa do Instituto de Seguros Sociais Obrigatório de Previdência Geral e a tutela de todos os princípios de autonomia económica e financeira consignados no decreto com força de lei n.º 6540, de 11 de Maio de 1919, para o referido Instituto, o qual fica também com personalidade jurídica para todos os actos que digam respeito ao exercício, superintendência e fiscalização do monopólio dos seguros a que estas bases se referem.

## CONTRA O JOGO

### É iniciada a sua repressão

depois dum violento ataque, no parlamento, ao governo

### Envenenamento das batatas — A energia das autoridades durará muito?

**Um debate na câmara dos Deputados — O governo vai reprimir o jogo, declara o sr. Domingos Pereira**  
O deputado sr. António Granjo realizou, na sessão de ontem da câmara, a sua interpelação ao ministro do interior sobre o jogo. O orador diz que as autoridades se esqueceram de aplicar a doutrina do Código Penal, e por isso, orador, já à câmara as disposições desse código, a fim de avivar a memória àqueles que governam. O jogo não desmoraliza apenas os costumes, mas causa graves perturbações. Várias tentativas tem sido feitas para a sua regulamentação, tanto no tempo da monarquia como no actual regime.

Todos os governos se tem oposto a essa regulamentação, e, até, quando alguns deputados trouxeram à câmara um projecto de regulamentação desse vício na Madeira, ele baixou ao seio das comissões, onde ficou e permanece. E' que os compromissos tomados pelos republicanos durante o tempo da propagação, e já depois da implantação da República, estavam ainda vivos.

Os tempos passaram, e quando no poder o ministério anterior, presidido pelo sr. Sá Cardoso, fez-se a tentativa para a regulamentação do jogo, distribuindo-o por zonas, mas teve de ser posto de parte. Apesar de todas as tentativas, os industriais da jogatina ainda não conseguiram uma situação jurídica, mas conseguiram, para vergonha nossa, uma situação de factos. (Muitos apoia-dos).

O sr. João Camoesas (em aparte) — O que é uma grande vergonha para nós todos.

O orador, prosseguindo, declara que tal se faz, sem que sejam obrigados a contribuir para o auxílio do Estado e apenas dando uma diminuta quantia para as casas de beneficência. Esta situação de facto tem provocado, por parte dos elementos sérios, protestos e reacção. O jogo poder-se-á regulamentar, mas a reacção continuará porque o país é contra o jogo.

O partido liberal se estivesse no poder teria providenciado contra esse vício, conforme o expresso, na declaração ministerial do governo Fernandes Costa.

A situação de facto criada pelas casas de jogo é uma vergonha para o país e o alarmante tamanho de fraqueza do governo. Referindo-se à declaração feita no parlamento pelo sr. Sá Cardoso, de que o encerramento das casas de jogo determinava uma revolução, lamenta-a, por se fundamentar na reacção exercida pelos elementos que vivem das casas de jogo.

Durante a situação Sá Cardoso, o jogo floresceu e prosperou, indo até ao ponto de em Braga, terra da naturalidade do sr. presidente do ministério, funcionarem mais de 30 casas de jogo. Quem tolera semelhantes actos criminosos não tem razão de se sentar no poder.

(O sr. João Camoesas, interrompendo o orador, pergunta porque é que ele, quando ministro, não obrigou as casas de jogo a fecharem).

O orador responde que o partido do sr. Camoesas tem estado no poder sem que contra tal tenha tomado providências. Foi ministro da justiça, e ao ministério de que fez parte foi levado um projecto de regulamentação, contra o qual ele orador se opôs, dizendo que, se era imoral a sua prática, mais imoral era fazê-lo em ditadura.

O orador termina salientando a necessidade de terminar com semelhante vício.

O sr. presidente do ministério, respondendo à interpelação, declara que individualmente é contra o jogo e pertence a um partido que sempre se manifestou abertamente contra ele. Mas então porque é que ele, como chefe do governo, consente na jogatina? É porque o jogo criou nestes últimos anos uma tal situação que hoje a questão ofereceu-se muito complexa. O desmoronamento deu-lhe uma larga liberdade, pelo que a indústria tomou um extraordinário incremento.

Declara não existir nenhuma nota das quantias impostas às casas de jogo pelo governador civil e da sua aplicação. Depois do desmoronamento, organizou-se esta escrutinagem e por ela se sabe quais tem sido as instituições que se tem beneficiado com essas verbas.

O sr. Eduardo de Sousa — V. ex.ª, pode dizer quantas são as casas de jogo que pagam essas verbas?

O sr. Malheiro Reimão — São umas 400.

O sr. presidente do ministério: — Segundo a nota que me foi fornecida são 39.

**Câro: — Ah! S6?**  
O sr. Manuel José da Silva, popular — V. ex.ª pode dizer-me a abrigio de que disposição legal essas contribuições são pagas?

O sr. presidente do ministério: — Não há nenhuma disposição legal. As casas de jogo contribuem com essas verbas, não como casas de jogo, mas como sociedades de recreio, e ele, orador, louva aqueles que quiseram tirar do jogo o maior proveito possível.

Não julga o problema resolvido apenas com a repressão. Mas como já se produziu um movimento de opinião contra a proibição do jogo e essa é a reclamação já por vezes manifestada no parlamento e agora insistentemente

## Operário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores", não te demores em fazê-lo



20-2-92

GRANDES ARMAZENS AFRICANOS

**FARO & LOPES L. DA**

Peçam amostras. Fatos sem prova. Vende-se a metro e sem reserva de preço todas as fazendas tanto para homem como para senhora.

VISITEM ESTA CASA 60  
 A casa que mais barato vende  
 Fato reclame artigo chic 35\$00  
 110, R. dos Fanqueiros, 112 e 114 s-l.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Valérie Lopes e Cia Lda

**Valerio, Lopes & C. L.**  
Telefones (central) 2778 e 3478  
gramas Ferrame  
Ferramental completo para todos os ofícios

Ferragens de todas as qualidades, chapas de ferro, lato, zinco, chumbo e arames diversos.  
Carros, vagonetas e todos os pertences de material  
"Decauville".

---

22, largo de S. Julião, 23  
Rua Nova do Almada, 1, 2 e 3

70 Rua Nova de Almeida, 1, 3 e 5  
**LISBOA**

**GRANDES ARMAZENS DE LISBOA**

**Lanifícios e Alfaiataria**

Acham de receber um grande sortido de lanifícios para a próxima estação, vindos directamente das fábricas, e que vendemos a preços resumidos.

Há sempre fatos já feitos em todas as medidas, tanto para homens como para senhoras e crianças.

**PEÇAM AMOSTRAS PARA CONFERIR**  
306, Rua dos Fanqueiros, 310  
**Lisboa**

**CALÇADO**  
Ninguém compre!!!  
Sem primeiro verem os preços da SADATÁRIA SOCIAL OPERÁRIA

primeira e segunda. Sapatos bonitos a \$720 — Botas para rapaz a 2\$70  
Botas para homem a \$850. Sapatos bonitos a \$720 — Botas para rapaz a 2\$70  
Sapatos verniz, salto Luis XV, a 12\$50  
temos em existência 100 mil pares de calçado que vendemos por preços  
extraordinariamente baratíssimos.  
E' a casa que mais ba ato vende  
18 — Rua dos Cavaleiros — 20

**Seguros Sociais Obrigatórios**  
**Contra desastres no trabalho**  
Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSOR-

CIA GERA DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.  
 LISBOA, RUA Ivens, 49 -  
 PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222

**“Eletrigia,,**  
ARCO BANDEIRA, 185, 187  
Telefone 2699-C.

## Grande stock de artigos electricos

Telefones Ericsson de parede e mesa, para entrega imediata.  
Mica, cartão isolante verniz.  
Lampadas para 65,70, 110 e 220 volts, filamento metalicas de 1 1/2 watt.  
Lanternas portateis em stock desde 2\$50.

**Preços limitados**  
**DESCONTOS A REVENDEDORES**

**CANDEIAS**

**A Casa que em Lisboa vende calçado mais barato**

**INTENDENTE**

defronte do Chafariz. 22 Telefone C.—4329